



Ativismo midiático, redes sociais e novas tecnologias de informação e comunicação¹

Henrique Moreira Mazetti²
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo

Objetiva-se neste artigo buscar indicações para entender como as mais recentes tecnologias de comunicação e as formas de organização em rede contribuem para as ações do ativismo midiático brasileiro contemporâneo, que surge das potencialidades abertas pelo deslocamento da política para o cotidiano e para a mídia. O percurso que faremos se inicia com a demarcação sobre o que entendemos aqui por ativismo midiático e quais são as ações que levamos em consideração, apoiando-nos em alguns conceitos correntes. Em seguida, refletimos sobre o impacto das novas tecnologias de comunicação nestas atividades. Por fim, lançamos um olhar sobre como a organização em rede influencia as atividades de grupos e coletivos de ativismo de mídia.

Palavras-chave: Ativismo de mídia; redes sociais; novas tecnologias

¹ Trabalho apresentado ao GT Práticas sociais de comunicação, do XII Congresso da Comunicação na Região Sudeste

² Graduado em Comunicação Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora, mestrando em Comunicação e Cultura pela ECO-UFRJ e bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: mazetti@gmail.com



Introdução

A crise da democracia representativa resulta na busca por outros caminhos para fazer valer interesses sociais que não os da política institucional, e assim são abertos novos espaços de luta. Na contemporaneidade, a política também é articulada por diferentes grupos sociais no cotidiano, por meio da cultura, das identidades e, também, pelos meios de comunicação. Por sua vez, a comunicação e suas novas formas de tecnologia se tornaram princípios organizadores da sociedade. Vivemos em uma época ambientada pela mídia, tanto em seu caráter infra-estrutural, em que os meios de comunicação assumem o sentido de base material da sociedade ao oferecer redes de telecomunicações, satélites e fibras óticas como suporte para rápidos fluxos de informação, trocas de dados e operações econômicas; assim como através da cultura midiática, que fornece material para cristalização de comportamentos sociais, fermentação de opiniões políticas e construção de identidades.

A proeminência da cultura da mídia e a emergência de novas tecnologias de comunicação e informação também reestruturaram trabalho e lazer. Por um lado, conhecimento e informação tornaram-se atores econômicos, enquanto o consumo se dá cada vez mais através de signos e imagens. Portanto, reconfiguradas as relações sociais, podemos inferir que também se ampliam e se renovam formas de se posicionar criticamente no mundo. Este trabalho se insere no desenvolvimento da minha pesquisa para dissertação de mestrado que tem como tema uma gama de ações do ativismo midiático nacional que surgem exatamente a partir das potencialidades abertas pelo deslocamento da política para o cotidiano e para a mídia, da mesma forma que se fazem valer do avanço nas tecnologias de comunicação e informação.

O objetivo é buscar pistas para entender como as mais recentes tecnologias de comunicação e as formas de organização em rede contribuem para as ações do ativismo midiático brasileiro. Não pretendemos neste trabalho mais do que lançar um olhar inicial sobre esta relação e refinar algumas hipóteses. O percurso que faremos se iniciará com a demarcação sobre o que entendemos aqui por ativismo midiático e quais são as ações que levamos em consideração, apoiando-nos em alguns conceitos correntes. Em seguida, pensaremos sobre o impacto das novas tecnologias de comunicação nestas atividades e, por fim, lançaremos um olhar sobre como a organização em rede influencia as atividades de grupos e coletivos de ativismo de mídia.



Ativismo midiático

Dois termos, que podem ambos ser entendidos tanto como práticas ou como conceitos, nos ajudam a esclarecer a que tipo de manifestações nos referimos aqui genericamente como ativismo midiático. A noção de mídia tática e o *culture jamming*. A concepção de uso tático das mídias surgiu na Europa, fruto de intensas experimentações na cultura do vídeo entre as décadas de 80 e 90, possibilitadas pela revolução tecnológica que “democratizou”, através do consumo eletrônico, o acesso, naquele momento, principalmente às câmeras de vídeo e a distribuição de conteúdo independente por canais de TV públicos a cabo. Com a popularização e barateamento das tecnologias digitais, o conceito de mídia tática rapidamente abrigou diferentes usos das mídias digitais e da Internet, além de se espalhar por todo o globo, inclusive no Brasil.

Os críticos de mídia e ativistas David Garcia e Geert Lovink afirmam que

mídias táticas são o que acontece quando mídias baratas do tipo 'faça você mesmo', tornadas possíveis pela revolução do consumo eletrônico e pelas formas expandidas de distribuição (do acesso público ao cabo até à Internet) são exploradas por grupos e indivíduos que se sentem excluídos ou ofendidos pela cultura mais ampla (Garcia e Lovink, 1997, p. 107).³

O termo tático é fruto de uma apropriação dos estudos do pensador Michel de Certeau, que, em *A Invenção do Cotidiano* (1994), identifica certas práticas cotidianas, as “maneiras de usar”, que demonstram como os consumidores fogem à suposta passividade e massificação dos comportamentos a que estariam entregues. Para o pensador francês, as táticas são procedimentos populares que jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam com eles a não ser para alterá-los. A partir desta colocação, de Certeau apresenta uma dicotomia entre tática, o conjunto de características das práticas que propiciam aos consumidores a possibilidade de burlar a

³Tradução de “Tactical Media are what happens when the cheap 'do it yourself' media, made possible by the revolution in consumer electronics and expanded forms of distribution (from public access cable to the internet) are exploited by groups and individuals who feel aggrieved by or excluded from the wider culture.” A partir deste desenvolvimento, tanto como prática midiática quanto como modelo teórico, a mídia tática tem sido discutida, questionada, repensada e desconstruída. Não é possível neste trabalho dar conta de tais discussões. Para um aprofundamento neste sentido, ver Critical Art Ensemble, 2001; Garcia e Lovink, 1997;1999; 2001; Meikle, 2002; Deve-se notar que há uma vasta bibliografia sobre mídia tática que compreende de esforços teóricos dos próprios ativistas, que pode ser encontrada em publicações difundidas em encontros presenciais como o Next Five Minutes e *sites* de grupos e publicações online correlatas, como o Subsol (<http://subsol.c3.hu/>).



“vigilância”, e a estratégia, características daqueles que tentam perpetuar o exercício de poder.

Já o termo *Culture Jamming*, que Meikle (2002) entende como um subconjunto de práticas específicas de uso tático das mídias, surgiu nos Estados Unidos nos anos 80 para definir diversas formas de sabotagem midiática – as chamadas *media pranks*. O crítico de mídia americano Mark Dery foi um dos primeiros a tentar conceituar a noção de *Culture Jamming* – que poderia ser traduzido como bagunça, confusão ou interferência cultural –, aplicando-a a “qualquer forma de *jamming* em que as histórias contadas para o consumo em massa são re-trabalhadas perversamente”. Dery afirma que aqueles que praticam o *Culture Jamming* “introduzem ruído no sinal enquanto ele passa do emissor para o receptor, encorajando interpretações idiossincráticas e não intencionais”⁴ (Dery, 1993: on-line). O professor americano identifica ainda três formas mais típicas de se fazer *culture jamming*: subverter anúncios publicitários, criar notícias falsas e alterar *outdoors*.

Já no final da década de 90, Naomi Klein (2002) sublinha o caráter político do *culture jamming*, ao relacioná-lo às ações anti-publicitárias e anti-corporativas, e assim ressurgiria não mais no âmbito da arte ou da prática lúdica, mas como ação política. Como a jornalista americana explica

Embora a *Culture Jamming* seja uma subcorrente que nunca seca inteiramente, não há dúvida de que nos últimos cinco anos ela viveu um renascimento, e um renascimento focado mais em política do que em molecagem. Para um número crescente de jovens militantes, o *adbusting*⁵ se apresenta como o perfeito instrumento com o qual registrar a desaprovação com as corporações multinacionais.” (Klein, 2002: 311).

Ações de mídia tática e *culture jamming*, que trabalham nos interstícios entre a arte e o ativismo, também surgiram no Brasil na última década e podem ser identificados em manifestações ocorrendo em diversas cidades do país. Como explica Freire Filho (2005), estas ações são:

trabalhos de perfil político e antinstitucional de dezenas de *coletivos* de jovens artistas brasileiros – sediados em Porto Alegre, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Fortaleza, São Paulo e Brasília – que se apropriam de estratégias situacionistas dos anos 1960, num ataque contra a máquina da globalização neoliberal (em sintonia com as

⁴ Tradução de “any form of jamming in which tales told for mass consumption are perversely reworked (...) introduce noise into the signal as it passes from transmitter to receiver, encouraging idiosyncratic, unintended interpretations”

⁵ A prática de interferir e alterar anúncios publicitários, seja através de paródias ou intervenções no próprio suporte da mensagem, como nos *outdoors*.



manifestações de Seattle e Gênova) e o canibalismo da produção artística pelo sistema comercial. (Freire Filho, 2005)

Podemos exemplificar mais concretamente estas manifestações elencando atividades que vão de intervenções urbanas de coletivos de artistas como o mineiro Poro e o paulista Esqueleto⁶, que questionam a invasão da publicidade no espaço público e que flertam com a arte ao tentar retirar do cotidiano uma imposição de racionalidade funcional, criando experiências lúdicas; ações e projetos como o Centro de Mídia Independente, que trabalham com experimentações com as mais recentes tecnologias de comunicação e de informação, na busca por utilizar as novas ferramentas para criar veículos de informação alternativos; as rádios livres, e semelhantes manifestações em outras mídias que procuram democratizar o acesso aos meios de comunicação; experiências como os autolabs⁷ – oficinas de alfabetização de mídia e capacitação básica técnica em novas tecnologias, ou a proliferação dos “esporos” de metareciclagem⁸, que buscam uma “inclusão digital crítica” a partir da criação de telecentros montados por meio da reciclagem de computadores antigos recebidos através de doações.

Outras ações ainda poderiam listadas. Apenas o grupo brasileiro Mídia Tática Brasil⁹ lista em seu site uma infindável lista de projetos atuais e já concluídos, que poderiam ser divididos em três categorias: aqueles voltados exclusivamente para a tecnologia, como o Gnudenberg e o Slack – direcionados para a criação de softwares e manutenção para a rede de usuários do Linux; aqueles que pretendem articular o uso da mídia a questões sociais, como o g2g e o MimoSa – o primeiro um grupo de estudos mantido por meio da internet sobre questões de gênero e o segundo um projeto artístico que envolve a criação de oficinas de mídia, mobilização e arte digital e a montagem de estúdios de produção temporários para aprendizado e convivência, que buscam a criação de uma mídia móvel, a MimoSa, criada nos moldes das oficinas de Metareciclagem; e, por fim, os encontros e a manutenção de espaços físicos para a prática e pesquisa de

⁶ Cf. <http://poro.redezero.org/inicial.html> e <http://esqueletocoletivo.zip.net/>

⁷ Sobre os autolabs é interessante o conferir o texto de David Garcia, um dos principais promotores do conceito de mídia tática, sobre sua visita Brasil durante o FindeTático e sua experiência a partir dos autolabs. Cf. GARCIA, 2004. Conferir também <http://autolabs.midiatatica.org/>

⁸ O site da rede de metareciclagem define o termo como “Uma idéia sobre a apropriação de tecnologia em busca de transformação social. Esse conceito abrange diversas formas de ação: da captação de computadores usados e montagem de laboratórios reciclados usando software livre, até a criação de ambientes de circulação da informação através da internet, passando por todo tipo de experimentação e apoio estratégico e operacional a projetos socialmente engajados”. Cf. <http://oxossi.metareciclagem.org/moin/>

⁹ Cf. <http://www.midiatatica.org>



mídia táctica, como o Mídia Táctica Brasil, o FindeTático e o IP://, localizado na Lapa, no Rio de Janeiro.

Diante da estonteante diversidade de práticas listadas seria interessante ressaltar que une-as o fato de atribuírem aos meios de comunicação o papel de agente de transformação social, a ênfase dada à ação direta em detrimento à busca por representatividade e o fato de que buscam formar uma rede. Muitos daqueles envolvidos com os esporos de metareciclagem, por exemplo, são os mesmos ativistas que vão às ruas fazerem intervenções urbanas, ou que organizam encontros, ou mantêm rádios livres. Mas, antes de falar sobre o ativismo mídiático em rede, pensemos agora, o impacto que as novas tecnologias de comunicação e informação tiveram nestas atividades.

O impacto das novas tecnologias de comunicação e informação

Ao identificar o surgimento de uma série de manifestações políticas no âmbito midiático e cultural em sintonia com manifestações estrangeiras, Ricardo Rosas, ativista, membro do Mídia Táctica Brasil e editor do site Rizoma.net, relativiza o impacto das novas tecnologias de comunicação e informação no ativismo midiático nacional. Segundo Rosas,

o atual beco sem saída do neoliberalismo parece haver despertado a consciência de vários grupos no Brasil, que passaram a criar fora das instituições estabelecidas com performances, intervenções urbanas, festas, tortadas, filmagens in loco de protestos e manifestações, ocupações, trabalhos com movimentos sociais, culture jamming e ativismo de mídia. À diferença dos coletivos high tech europeus e americanos, os coletivos brasileiros atuam nos interstícios das práticas tradicionais da cultura instituída, em ações até agora de um viés mais low tech (Rosas, on-line).

Gostaríamos de problematizar a colocação de Rosas, porém, ao buscar estabelecer diversos níveis de relação com as mais recentes tecnologias de comunicação e informação e o ativismo de mídia nacional, levando em consideração a posição periférica do país na economia mundial e as suas próprias limitações quanto ao acesso às tecnologias. O primeiro deles é exatamente aquele que, realmente, marca um tímido uso tecnológico por parte dos manifestantes e artistas. Uma gama de práticas de intervenções urbanas e teatro de rua, por exemplo, mais interessados em ações que interferem no cotidiano, apostam na interação face-a-face e muitas vezes se utilizam até mesmo de uma comunicação não midiática, em que emissor e receptor estão co-



presentes e são postos a trocarem de turnos e posições num momento comunicacional. Em relação à afirmação de Rosas, porém, deve-se lembrar que tais práticas também surgem lado a lado com ações de um viés tecnológico *high tech* no exterior, e são justamente tais atividades que suscitam um teórico como John Downing (2002) a elencar a arte performática e as ações do grupo político e artístico francês Internacional Situacionista como algumas das raízes de manifestações que se configuram como uma fusão direta entre atividade política, de mídia e artística.

Uma segunda relação do ativismo de mídia com as mais recentes tecnologias pode ser vislumbrada a partir de algumas colocações da jornalista Naomi Klein (2002), que ao pensar as paródias publicitárias e alterações de outdoors, afirma que o computador pessoal, scanners e programas de editoração como o photoshop trouxeram novas possibilidades para o *culture jamming*, pois o hiato que separava as técnicas como o grafite e as técnicas de impressão da publicidade tradicional diminuiu. O que podemos retirar dessa afirmação é a instrumentalização por parte de manifestantes e artistas das novas tecnologias em consonância com o modelo de mídia tática, que visa a ressignificação e a criação de novos usos para os meios de comunicação, que não os marcados pelo interesse comercial. Também no Brasil, os “ativistas” se fazem valer das tecnologias que se tornaram recentemente acessíveis para a confecção de lambe-lambes, stickers, adesivos, etc. Porém, essa relação pode ser considerada ainda de baixa “intensidade”, uma vez que a instrumentalização dessas novas tecnologias não marca qualquer reflexão sobre os meios de comunicação em si.

Henrique Antoun (2001a), pensando o impacto da Internet enquanto meio para o então “novo ativismo” que surgia com os Dias de Ação Global, o surgimento da rede Indymedia e o ativismo hacker – e do qual o desenvolvimento do ativismo midiático que tratamos aqui é paralelo – visualiza “o casamento da política de ação direta do novo ativismo com a potência interativa descentralizadora e anárquica dos sistemas hipermídia” (Antoun, 2001a) como um deslocamento incisivo, capaz de dar novos sentidos para a democracia e para a própria resistência. Para Antoun, o então “novo ativismo”, apoiando-se na comunicação mediada por computador (CMC), faz do novo meio, a Internet, uma maneira de expressar novas formas de viver, e mais do que isso, uma verdadeira mídia para viver, lugar de afeto e atividade.

Este novo ativismo (...) fez da comunicação mediada por computador (CMC) seus sentidos cognitivos e sua mente. Ele integrou nela seu olho, suas imagens, seu ouvido, suas sonoridades, sua boca, suas falas,



sua pele, seus contatos até construir este corpo comunitário apto a viver no ciberespaço, programando os softwares da CMC como novos instrumentos para o pensamento e a ação. Com isto igualou o meio à mensagem através da prática da ação direta, fazendo da CMC um lugar de percepção afeto e atividade para as novas comunidades. (Antoun, 2001a).

Desta forma, Antoun sugere inclusive uma mudança na própria prática de resistência, que se desloca da simples militância.

Resistir tornou-se também inventar os movimentos através dos quais os modos autônomos de viver e governar a própria vida possam ser, ao mesmo tempo, as formas de lutar e se manifestar publicamente. Vida, comunidade e luta política tornam-se um só e mesmo movimento (Antoun, 2001a).

A questão aqui seria então perguntar se estas transformações impulsionadas pelas mais recentes tecnologias informacionais de comunicação identificadas no ativismo europeu e americano tiveram o mesmo efeito nas manifestações nacionais que buscam novos caminhos para a luta política. Para respondê-la de forma minimamente convincente, porém, demandaria um aprofundamento de pesquisa que não temos condições de atingir no momento. Resta-nos a opção de fazermos algumas considerações a partir das colocações de Antoun e de uma observação inicial das ações de grupos brasileiros em relação ao seu uso das tecnologias de informação e comunicação.

O primeiro ponto a ressaltar é o da transformação no sentido das maneiras de resistir ao mundo capitalista globalizado contemporâneo. Nota-se nas manifestações nacionais o mesmo ímpeto de transformar a resistência em um ato criativo, de atividade e afeto para além da reatividade militante. Porém, a transformação do sentido de resistência não passa simplesmente pelo uso da comunicação mediada por computador ou pela adoção dos princípios éticos da cibercultura enraizados nos anos 60 e nas lutas anti-disciplinares. A ampliação do espectro da resistência aos modos dominantes também se dá pela aproximação com a arte no que ela contém de potência criadora e capacidade de oferecer novas visões de mundo, na aproximação com o cotidiano e no incisivo questionamento da cultura midiática e no assujeitamento que ela é capaz de produzir ao moldar identidades e normalizar singularidades.

O segundo ponto se refere à própria distribuição de riqueza no país e como isso se reflete no acesso aos meios de comunicação, inclusive à Internet e ao computador pessoal. Se no exterior, onde o conceito de mídia tática inicialmente se difundiu antes de



chegar ao Brasil, as principais práticas associadas ao termo implicavam no uso dos meios de comunicação para a crítica social, política e cultural através de experimentações limítrofes entre a arte e as novas tecnologias de comunicação, o que resultou, por exemplo, em sites de paródias do governo americano ou o Centro de Mídia Independente, no país, o termo mídia tática ganhou ainda um novo sentido em que a busca por ressignificar os meios de comunicação surgiu atrelada à questão de quem tem acesso aos próprios meios. Em atividades já citadas aqui como a dos autolabs ou o metareciclagem, que trabalham principalmente a sensibilização para com as tecnologias de comunicação e menos com os usos da linguagem propriamente dita, a formação de redes sociais, a distribuição livre de conhecimentos e a capacitação técnica sobrepõem-se a um “produto final” que poderia atuar no âmbito das representações e os limites da comunicação são inclusive ultrapassados. Pensando a Internet enquanto um meio de viver, pode-se sugerir que ações como os autolabs e os esporos de metareciclagem são verdadeiras “escolas da vida” na Internet e nas novas tecnologias de comunicação e informação.

Ainda assim, poderíamos questionar se o ativismo midiático nacional tornou o uso das novas tecnologias de comunicação algo tão intrínseco às suas ações como Antoun (2001a) descreve as manifestações do “novo ativismo”, se as manifestações brasileiras também construíram um “corpo comunitário apto a viver no ciberespaço” ou se, recolocada a questão levantada por Rosas, as atividades no Brasil ainda são marcadas por um viés *low tech*. Para lançar um olhar ainda mais abrangente ao tema, podemos nos perguntar sobre o uso da comunicação mediada por computador na formação de comunidades e na organização em rede dos grupos manifestantes.

O ativismo de mídia organizado em rede

Sob o mote “diversidade, autonomia e diversão”, o site do grupo Mídia Tática Brasil – www.midiatatica.org – se define como “um circuito independente de trabalho e diversão que se conecta em espaços de pesquisa e ações comuns. As áreas interseccionais de atuação são arte, mídia, comunicação e tecnologia. Seus projetos são independentes entre si, assim como seus autor@s. Todos os trabalhos são copyleft ou registrados sob licenças abertas.”¹⁰ O site apresenta-se dentro do paradigma que o

¹⁰ <http://www.midiatatica.org/>



estudioso australiano de mídia e movimentos sociais na Internet, Graham Meikle (2002), define como um sistema aberto, em que a Internet propicia possibilidades de mudança na maneira como se produz e distribui conteúdo e conhecimento, fomentando o debate e abrindo vias alternativas para o fluxo de informação¹¹. Ou seja, o mediatic.org mostra-se como lugar de passagem, buscando dar visibilidade a projetos com objetivos de transformação social e questionamento do ambiente midiático e artístico que se inserem de alguma forma dentro da perspectiva de uso tático dos meios de comunicação, além daqueles projetos feitos por indivíduos que administram o site em colaboração com outros grupos com práticas, interesses e objetivos semelhantes. Da auto-definição do grupo – se assim podemos chamá-los, uma vez que a independência entre os diversos projetos é ressaltada – nos interessa principalmente sublinhar a noção de um “circuito que se conecta” que alude à noção de rede.

A rede enquanto forma de organização também surge no CORO, site que se pretende interface de uma rede de coletivos de artistas de intervenções urbanas (daí o nome do site, Coro: Coletivo em Rede e Ocupação). A seguinte auto-definição pode ser encontrada no endereço eletrônico:

A rede que se potencializou a partir do CORO é estabelecida por artistas e outros profissionais das Artes, ativos no panorama cultural Brasileiro, nas mais variadas linguagens visuais e que se dispõem ao trabalho coletivo.

Respeitando as múltiplas formas de atuações que dão voz a diversidade, numa rede que vai muito além dos grandes centros culturais do país como São Paulo e Rio de Janeiro.

Esse tipo de articulação somente é possível hoje, pelas facilidades tecnológicas atuais, que possibilitam estabelecer ampla troca de informações, idéias e ações, pelo acesso rápido com quem pensa e faz arte, comprometidos em estabelecer apoios e parcerias com outros e para outros novos projetos.¹²

As rádios livres também se articulam em rede. O Portal radiolivres.org explica da seguinte forma seu surgimento:

O radiolivres.org surgiu com a junção de idéias de dois grupos: o pessoal das rádios livres sentia a necessidade de formar uma rede de troca de informações, experiências e sobretudo solidariedade.

¹¹ Ao sistema aberto, Meikle contrapõe um sistema fechado, de interesses comerciais, que cada vez mais predomina no espaço virtual, em que os fluxos de informação voltam a tomar uma via única e são arrematados ao já vigente sistema de produção e distribuição de conteúdo.

¹² <http://www.corocoletivo.org/index4.htm#oquee>



Paralelamente, um grupo de colegas que já ajudava tecnicamente e participava de algumas rádios livres pensou em montar uma espécie de "provedor de serviços" para rádios livres, com a idéia de dar suporte para que elas tivessem um bom local para hospedar sites, pudessem fazer transmissões ao vivo pela internet e possuir lista de discussão, email, local para armazenamento de arquivos, fórum, etc.¹³

Outros exemplos ainda poderiam ser citados, como os esporos do metareciclagem e como eles são articulados através da lista de discussão do grupo ou o Conversê¹⁴, um site de relacionamento pessoal desenvolvido pelo grupo Mídia Tática Brasil em conjunto com o governo federal para servir de base de comunicação para o projeto dos Pontos de Cultura, que molda-se na ação do metareciclagem e dos autolabs. Como tentamos ressaltar, um aspecto que reúne todos os sites citados é que eles pretendem fomentar a organização de grupos e indivíduos com interesses e práticas semelhantes em redes.

A emergência das redes como forma de organização social é caracterizada por Arquilla e Ronfeldt (2001) como o surgimento da “próxima grande forma de organização”, capaz de por si própria “redefinir as sociedades e, desta forma, a natureza do conflito e da cooperação” (Arquilla e Ronfeldt, 2001). Segundo os autores americanos, de organizações criminosas a terroristas até militantes do ativismo social, diversos grupos estariam usando diferentes formas de organização em rede, o que resultaria da emergência de um novo modo de conflito, a guerra em rede (*netwar*). Porém, talvez “guerra” seja um termo demasiadamente forte para caracterizar as ações da grande maioria dos grupos de ativismo com os quais trabalhamos até aqui e a maior possibilidade é a de que a busca por se organizarem em rede vise mais a cooperação do que o conflito, ainda este também esteja presente.

Frente às novas situações e potencialidades trazidas pelas novas tecnologias de comunicação e informação, Antoun (2006) identifica o ativismo (aqui em um sentido em que se ressalta o caráter de ação direta das ações) como atitude crescente e

beneficiada pela facilidade de construir redes de parcerias para resolver os problemas de partilha e de disputa. O ativista abandona a mediação das instituições para a realização de suas ações, na mesma medida em que encontra facilidade de construir, com as interfaces, redes de ação direta para reunir possíveis colaboradores capazes de amparar sua ação. (Antoun, 2006: 13)

¹³ <http://www.radiolivres.org/sobre>

¹⁴ <http://converse.org.br/>



É principalmente neste sentido que enxergamos a contribuição da organização em rede para os grupos de ativismo midiático brasileiros. Na capacidade de facilitar a cooperação, de distribuir conhecimento e de fazer circular informação, tal qual deixa bem explicitado a definição do CORO.

As redes como formas de organização social tem sido tópico bastante discutido entre os pesquisadores interessados pelo impacto das mais recentes tecnologias informacionais de comunicação na contemporaneidade. Seu próprio funcionamento como uma forma distinta e autônoma de organização, contudo, é posta em questionamento por diversos autores, como mostram Antoun (2001b) e Castells (2003). Antoun (2001a; 2001b), porém, não só abraça a idéia de rede como uma nova forma de organização como aprofunda a questão levantada por Arquilla e Ronfeldt (2001) de que a emergência das redes significaria o deslocamento do poder para fora do Estado, trazendo assim perturbações para a prática democrática e oferecendo novas formas de governabilidade, amparadas no poder de parceria da rede.

Castells (2003), por outro lado, problematiza o termo “comunidade virtual” na busca por compreender as novas formas de interação social amparadas pelas novas tecnologias de comunicação e informação. Segundo o autor “a questão decisiva aqui é o deslocamento da comunidade para a rede como a forma central de organizar a interação” (Castells, 2003: 106). Pensando então a política na Internet e seu impacto nos mais recentes movimentos sociais, Castells afirma que

os movimentos culturais (no sentido de movimentos voltados para a defesa ou a proposta de modos específicos de vida e significado) forma-se em torno de sistemas de comunicação – essencialmente a Internet e a mídia – porque é principalmente através deles que conseguem alcançar aqueles capazes de aderir a seus valores, e, a partir daí, atingir a consciência da sociedade como um todo (Castells, 2003: 118).

Com estas colocações poderíamos lançar um olhar ainda mais aprofundado sobre o impacto das novas tecnologias informacionais de comunicação no ativismo midiático e como eles são organizados em rede. Porém, o objetivo deste trabalho era apenas oferecer um olhar inicial e buscar pistas para entender esta relação. Antes de partimos para novos questionamentos, contudo, é necessário um maior refinamento teórico, assim como uma maior observação dos grupos em atividade hoje no cenário nacional.



Referências

ANTOUN, Henrique. “Jornalismo e Ativismo na Hipermídia”, in Revista da FAMECOS no. 16, pp. 135-147. Porto Alegre: EDIPUCRS, dezembro 2001a.

_____. “A Multidão e o Futuro da Democracia na Cibercultura”, in FRANÇA, Vera, WEBER, Maria Helena, PAIVA, Raquel e SOVIK, Liv. Livro do XI COMPÓS. Porto Alegre: Sulina, 2001b.

_____. “Mobilidade e Governabilidade nas Redes Interativas da Comunicação Distribuída”. In: V Bienal Iberoamericana de la Comunicación. *Razón y Palabra*. 49 (2). 2006. Disponível em: <http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n49/bienal/Mesa%202/MobilidadeeGovernabilidadenasRedes.pdf>

ARQUILLA, John e RONFELDT, David. *Networks and Netwars: the future of terror, crime and militancy*. RAND: 2001. Disponível em <http://www.rand.org/publications/MR/MR1382/> (acesso em 20/7/2004).

CASTELLS, Manuel. *A galáxia da Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. artes do fazer*. 9ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

CRITICAL ART EMSEMBLE. *Digital Resistance: Explorations in Tactical Media*. New York: Autonomedia, 2001.

DERY, Mark. *Culture Jamming: Hacking, Slashing and Sniping in the Empire of Signs*. Westfield: Open Magazine Pamphlet Series, 1993. Disponível em <http://www.levity.com/markdery/culturjam.html> (Acesso em 10/05/2006)

DOWNING, John D. H. *Mídia radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais*. São Paulo: SENAC São Paulo, 2002

FREIRE FILHO. Usos (e abusos) do conceito de *espetáculo* na teoria social e na crítica cultural. In: FREIRE FILHO, João e HERSCHMANN, Micael (orgs.). *Comunicação, cultura e consumo: a (des)construção do espetáculo contemporâneo*, p. 13-44. Rio de Janeiro: E-papers, 2005.

GARCIA, David e LOVINK, Geert. “The ABC of Tactical Media”. In: RICHARDSON, Joanne (org.). *Anarchitexts: voices from the global digital resistance*. p. 107-111. New York: Autonomedia, 2003 [1997].

_____. The DEF of Tactical Media. Amsterdã: *Nettime* 22/02/1999. <http://Amsterdã.nettime.org/Lists-Archives/nettime-l-9902/msg00104.html>. Acesso em 10/05/2006.

_____. The GHI of Tactical Media: An interview by Andreas Broeckmann. Amsterdã: *Nettime*, 15/08/2001. Disponível em: <http://Amsterdã.nettime.org/Lists-Archives/nettime-l-0108/msg00060.html>. Acesso em 10/05/2006.

GARCIA, David. Fine Young Cannibals, of Brazilian Tactical Media. In: *openflows.org*, 2004. Disponível em: <http://openflows.org/article.pl?sid=04/09/1a0/167212&mode=thread&tid=23> (acesso em 10/05/2006)



KLEIN, Naomi. *Sem logo: a tirania das marcas em um planeta vendido*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

MEIKLE, Graham. *Future Active: Media Activism & the Internet*. Londres: Routledge, 2002.

ROSAS, Ricardo. Nome: Coletivos, Senha: Colaboração. Disponível em: <www.rizoma.net/desenv/interna.php?id=170&secao=intervencao>. (Acesso em 10/05/2006).